

*Reprodução de...*

146

# Historias do Norte

## O Romance do

## PAVÃO

## MISTERIOSO



O Valor da Honestidade

*Va. Catálogo 278*

*Proença*

# O Pavão Misterioso

**E**u vou contar uma história  
Dum Pavão Misterioso,  
Que levantou vôo da Grécia  
Com um rapaz corajoso;  
Raptando uma condessa,  
Filha dum conde orgulhoso.

Residia na Turquia  
Um viuvo capitalista,  
Pai de dois filhos solteiros;  
O mais velho, João Batista;  
Então o filho mais moço,  
Se chamava Evangelista.

O velho turco era dono  
Duma fabrica de tecidos,  
Com largas propriedades  
Dinheiro e bens possuidos.  
Deu de herança a seus filhos,  
Porque eram bem unidos.

Depois que o velho morreu  
Fizeram combinação  
Porque o tal João Batista,  
Concordou com seu irmão  
E foram negociar  
Na mais completa união.

Um dia João Batista,  
Pensou pela vaidade,  
E disse a Evangelista:  
— Meu mano, eu tenho vontade,  
De visitar o estrangeiro,  
Se não te deixar saudade.

Olha que nossa riqueza,  
Se acha muito aumentada,  
E dessa nossa fortuna  
Eu ainda não gosei nada.  
Portanto convém que eu passe,  
Um ano em terra afastada,

Respondeu Evangelista:  
— Vai que eu aqui ficarei,  
Regendo o nosso negocio  
Como sempre trabalhei,  
Garanto que os nossos bens,  
Com cuidados zelarei.

Quero fazer-te um pedido,  
Procura no estrangeiro,  
Um objeto bonito,  
Só para rapaz solteiro,  
Traz para mim um presente  
Embora custe dinheiro.

João Batista prometeu,  
Com muito boa atenção,  
De comprar um objeto,  
Do gosto de seu irmão;  
Então tomou um paquete,  
E seguiu para o Japão.

João Batista no Japão  
Esteve seis mezes somente,  
Gosando naquele Império  
Percorreu no Oriente,  
Depois seguiu para a Grécia,  
Outro paiz diferente.

João Batista entrou na Grecia  
 Divirtiu-se em passear,  
 Comprou passagem de bordo,  
 E quando ia embarcar,  
 Ouvia um grego dizer:  
 —Acho bom se demorar.

João Batista Interrogou:  
 —Amigo fale a verdade,  
 Porque motivo o senhor,  
 Manda eu ficar na cidade,  
 Disse o grego: Val haver,  
 Uma grande novidade.

Mora aqui nesta cidade,  
 Um conde muito valente,  
 Mais soberbo do que Nero,  
 Pal d'uma filha sómente  
 E' a moça mais bonita  
 Que ha no tempo presente.

E a moça em que lhe falo  
 Filha do tal potentado,  
 O pal tem ella escondida  
 Em um quarto de sobrado  
 Chama-se Creusa, e creou-se  
 Sem nunca ter passeado.

De ano em ano, esta moça,  
 Bota a cabeça de fóra  
 Para o povo adorá-la;  
 No espaço de uma hora  
 Para ser vista outra vez,  
 Tem um ano de demora.

O conde não consentiu,  
 Outro homem educá-la  
 Só ele como pal dela  
 Teve o poder de ensiná-la,  
 Seria morto o criado,  
 Que da moça ouvisse a fala.

Os estrangeiros tem vindo  
 Tomaram conhecimento  
 Amanhã ella aparece,

Ao grande ajuntamento;  
 E' proibido pedir-se  
 A mão della em casamento.

Então disse João Batista  
 —Agora vou demorar,  
 Para ver esta condessa  
 Estrela desse lugar,  
 Quando eu chegar na Turquia,  
 Tenho muito que contar.

Logo no segundo dia  
 Creusa saiu na janela,  
 Os fotografos se vexaram  
 Tirando o retrato dela  
 Quando completou a hora,  
 Desappareceu a donzela.

Depois João Batista viu,  
 Um retratista vendendo  
 Alguns retratos de Creusa,  
 Vexou-se foi lhe dizendo:  
 —Quanto quer pelo retrato?  
 Porque comprá-lo pretendo.

O fotografo respondeu:  
 —Lhe custa um conto de reis  
 João Batista ainda disse:  
 —Eu comprava até por dez  
 Se o dinheiro fosse pouco,  
 Empenharia os aneis.

João Batista aí voltou  
 Da Grecia para a Turquia,  
 E quando chegou em Méca  
 Cidade em que residia,  
 Seu mano Evangelista,  
 Banquetou o seu dia.

Então disse Evangelista:  
 —Meu mano vai contando,  
 Se visse cousas bonitas  
 Onde andasses passeando,  
 O que me traz de presente  
 Vá logo me entregando,

—Para ti trouxe um retrato,  
Duma condessa da Grecia,  
Moça que tem fino trato,  
Custou-me mil cruzeiros,  
Custou-me um conto de reis,  
Inda achei muito barato.

Respondeu Evangelista  
Depois de uma gargalhada:  
—Neste caso, meu irmão  
Para mim não trouxe nada,  
Pois retrato de mulher  
É cousa bastante usada.

—Sei que tem muito retrato  
Mas como o que trouxe, não,  
Vais agora examiná-lo  
Entrego em tua mão,  
Quando vires a belesa,  
Mudares de opinião.

João Batista tirou  
O retrato duma mala,  
Entregou ao rapaz  
Que estava de pé na sala,  
Mas quando viu o retrato,  
Quiz falar, tremeu a fala.

Evangelista voltou,  
Com o retrato na mão,  
Tremendo muito assustado,  
Perguntando a seu irmão,  
Se a moça do retrato  
Tinha aquela perfeição.

Respondeu João Batista.  
—Creuza é muito mais formosa,  
Do que o retrato dela,  
Em beleza é preciosa,  
Tem o corpo desenhado  
Por uma mão milagrosa.

João Batista perguntou  
Fazendo um ar de riso:  
Que é isso meu irmão,

Queres perder o juizo  
Já vi que este retrato,  
Vai te causar prejuizo.

Respondeu Evangelista:  
—Pois meu irmão eu te digo  
Vou sair do meu palz  
Não posso ficar contigo,  
Pois a moça do retrato,  
Deixou-me a vida em perigo.

João Batista falou serio:  
—Precipicio não convem,  
Do que te serve ir embora  
Por estes mares além,  
Em procura duma moça  
Que não casa com ninguém.

—Teu conselho não me serve  
Estou impressionado  
Rapaz sem moça bonita  
É um desventurado,  
Se eu não casar com Creuza  
Findo os dias enforcado.

Vamos partir a riqueza  
Que tenho necessidade,  
Dar balanço no dinheiro  
Porque eu quero a metade  
O que não posso levar  
Dou-te de boa vontade.

Deram balanço ao dinheiro  
Só tres milhões encontraram,  
Tocou dois a Evangelista  
Conforme se combnaram  
Com relação ao negocio  
Da firma se desligaram.

Despediu-se Evangelista  
Abraçou o seu irmão,  
Chorando um pelo outro,  
Na triste separação,  
Seguindo ele para a Grecia  
Em uma embarcação.

Logo que chegou na Grecia,  
Hospedou-se Evangelista,  
Em um hotel dos mais pobres  
Negando assim sua pista,  
Para ninguém não saber  
Que era um capitalista.

Ali passou oito mezes  
Sem se dar a conhecer  
Sempre andando disfarçado,  
Só para ninguém saber;  
Até que chegou o dia,  
Da donzela aparecer.

Os hotéis já se achavam,  
Repletos de passageiros,  
Passavam pela praça,  
Os grupos de cavalheiros  
Havia muito fidalgos,  
Chegados do estrangeiro.

As duas horas da tarde  
Creuzo saiu na janela,  
Mostrando sua belesa,  
Entre o conde e a mãe dela;  
Todos tiraram o chapéu  
Em continência a donzela.

Quando Evangelista viu,  
O brilho da boniteza,  
Disse: Vejo que meu mano,  
Quit me falar com franqueza,  
Pois esta gentil donzela,  
É rainha da belesa.

Evangelista voltou,  
Aonde estava hospedado,  
Como não falou com a moça,  
Estava contrariado,  
Por inventar uma ideia,  
Que lhe desse resultado.

No outro dia saiu  
Passeando Evangelista,  
Encontrou-se na cidade.

Com um rapaz jornalista,  
Perguntou se não havia  
Na praça algum artista.

Respondeu-lhe Evangelista:  
—Tem o doutor Edmundo,  
Nas ruas dos operários  
É engenheiro profundo,  
Para inventar maquinismo  
É ele o maior do mundo.

Evangelista entrou,  
Na casa do engenheiro,  
Falando em lingua grega  
Negando ser estrangeiro,  
Lhe propoz um bom negocio,  
Oferecendo dinheiro.

Assim disse Evangelista:  
—Meu engenheiro famoso,  
Primeiro vá me dizendo,  
Se não é homem medroso,  
Porque quero ajustar,  
Um negocio vantajoso.

Respondeu o Edmundo:  
—Na arte não tenho medo,  
Mas vejo que o amigo,  
Quer um negocio em segredo,  
Como precisa de mim  
Conte-me lá este enredo.

—Eu amo a filha do conde,  
A mais formosa mulher,  
Se o doutor inventar,  
Um aparelho qualquer  
Que eu possa falar com ela  
Pago o que o senhor quizer.

Eu aceito seu contrato,  
Mas preciso lhe avisar  
Que vou trabalhar seis meses,  
O senhor vai esperar,  
É obra desconhecida  
Que agora vou inventar.

—Quer dinheiro adiançado?  
Eu pago neste momento,  
—Não senhor ainda é cedo  
Quando findar meu invento,  
É quando lhe digo o preço  
Quanto custa o pagamento.

Mas enquanto Evangelista  
Impaciente esperava,  
O engenheiro Edmundo  
Todas as noites trabalhava,  
Oculto em sua oficina  
E ninguém advinhava.

O grande artista Edmundo,  
Desenhou nova invenção,  
Fazendo um aeroplano  
De pequena dimensão,  
Fabricado de alumínio,  
Com importante armação.

Movido a motor eléctrico  
Deposito de gasolina,  
Com locomoção macia,  
Que não fazia barulho  
A obra mais importante,  
Que fez em sua oficina.

Tinha cauda como um leque  
As azas como um pavão  
Pescoço, cabeça e bico  
Lavanca, chave e botão,  
Voava igual ao vento,  
Para qualquer direcção.

Quando Edmundo findou  
Disse a Evangelista:  
—A sua obra está feita  
Ficou com bonita vista  
O senhor terá de saber,  
Que Edmundo é um artista.

Eu fiz um aeroplano,  
Da forma de um pavão,  
Que se arma e se desarma,

Comprimindo num botão,  
E carrega doze arrobas  
Tres leguas acima do chão.

Foram experimentar  
Se tinha jeito o pavão,  
Abriram a lavanca e a chave  
Carregaram no botão,  
O monstro girou suspenso,  
Maneiro como um balão.

O pavão de asa aberta  
Partiu com velocidade,  
Cortando pelo espaço  
Muito acima da cidade,  
Como era meia-noite  
Voltaram a sua vontade.

Então disse o engenheiro:  
—Já provei minha invenção,  
Fizemos experiencia  
Tome conta do pavão,  
Agora o senhor paga  
Sem promover discussão.

Perguntou Evangelista:  
—Quanto custa o seu invento?  
—Dê-me cem mil cruzeiros,  
Acha caro o pagamento  
O rapaz lhe respondeu:  
—Acho pouco, sou durentos.

Edmundo ainda deu-lhe  
Mais uma serra azougada,  
Que serrava caibro e ripa,  
E não fazia ruada,  
Tinha os dentes de navalha  
De gume bem afiada.

Deu um lenço enigmático  
Que quando Creusa gritava,  
Chamando pelo pai dela  
Então o moço passava,  
Ele no nariz da moça,  
Com isso ela desmalava.

Então disse o jovem turco:  
—Muito obrigado fiquei,  
Do pavão e do presente,  
Para lutar me armei,  
A manhã a meia-noite,  
Com Creusa conversarei.

A meia-noite o pavão  
Do muro se levantou.  
Com as lampadas apagadas  
Como uma flecha voou,  
Bem no sobrado do conde,  
Na cumieira aterrou.

Evangelista em silencio  
Cinco telhas arredou,  
Um buraco de dois palmos  
Nos calbros e ripas serrou,  
E pendurando uma corda,  
Por ela se escorregou.

Chegou no quarto de Creusa  
Onde dormia a donzela  
Debalxo dum cortinado  
Pelto de seda amarela,  
E ele para acordá-la,  
Por a mão na testa dela.

A moça estremeceu  
Acordou no mesmo instante  
E viu um rapaz estranho  
De rosto muito elegante,  
Que sorria para ela  
Com um olhar fascinante.

Então Creusa de um grito  
—Papai um descobridor  
Entrou aqui no meu quarto  
Sujeito muito atrevido;  
Venha depressa papai  
Pode ser algum bandido.

O rapaz lhe disse: Moça  
Entre nós não há perigo  
Estou pronto a defendê-la

Como verdadeiro amigo  
Venho saber da senhora,  
Se quer casar-se comigo.

O rapaz puxou o lenço  
No nariz dela encostou,  
Deu uma vertigem na moça,  
De repente desmaiou,  
E, ele subiu na corda  
Chegando em cima tirou

O rapaz ageitou os calbros  
E concertou o telhado  
E calcando em seu pavão  
Voou bastante vexado,  
Foi esconder o aparelho  
Aonde foi fabricado.

O conde acordou aflito  
Quando ouviu esta zuada  
Entrou no quarto da filha  
Desembainhou a espada  
Encontrou-a sem sentidos,  
Dez minutos desmaiada.

Percorreu todos os cantos,  
Com a espada na mão,  
Berrando e soltando praga,  
Colerico como um leão,  
Dizendo: Onde encontrá-lo  
Eu mato este ladrão.

Creusa disse-lhe: Meu pai  
Pois eu vi neste momento  
Um jovem rico e elegante,  
Me falando em casamento  
Não vi quando ele encantou-se  
Porque deu-me um passamento.

Disse o conde: Neste caso  
Tá já estaca a sonhar,  
Moça de 18 anos,  
Já pensando em se casar,  
Se te aparecer casamento,  
Eu saberri desmanchar.

Evangelista chegou  
As duas da madrugada,  
Assentou o seu pavão,  
Sem que fizesse zuada,  
Desceu pela mesma trilha  
Na corda dependurada.

Creuza estava deitada,  
Dormindo o sono inocente,  
Seus cabelos como um véu  
Que enfeitava puramente  
Como um anjo terreal,  
Que tem labio sorridente.

O rapaz muito sutil  
Poi pegando na mão dela,  
Então a moça assustou-se  
Ele garantiu a ela,  
Que não era malfazejo:  
—Não tenha medo donzela!

A moça interrogou-o  
—Disse: Quem é o senhor,  
—Disse ele: Sou estrangeiro,  
Lhe consagrei muito amor,  
Se não fôres minha esposa,  
A vida não tem valor.

Creuza achou impossível  
O moço entrar no sobrado,  
Então perguntou a ele  
De que jeito tinha entrado,  
E disse: Vais me dizendo,  
Se és vivo ou és encantado.

—Como eu lhe tenha amor,  
Me arrisco fóra de hora,  
Moça não me negue o sim  
A quem tanto lhe adora!  
Creuza aí gritou: Meu pai  
Venha ver o homem agora.

Ele passou-lhe o lenço,  
Ela caiu sem sentido,  
Então subiu pela corda,

Por onde tinha descido,  
Chegou em cima e disse:  
—O conde será vencido.

Ouviu-se tocar corneta  
E o brado da sentinela,  
O conde se dirigiu,  
Para o quarto da donzela  
Viu a filha desmatada  
Não pode falar com ela.

Até que a moça tornou  
Disse o conde: E' um caso sério  
Sou um fidalgo tão rico  
Atentado em meu critério  
Mas nós vamos descobrir,  
O autor deste misterio.

Minha filha eu já pensei  
Em um plano bem sagaz  
Passa essa banha amarela  
Na cabeça desse audaz  
Só assim nós descobrimos,  
Esse anjo, ou satanaz.

Só sendo uma vizão,  
Que entra neste sobrado,  
Só chega a meia noite  
Entra e sai sem ser notado  
E se é gente desse mundo,  
Usa feitiço encantado.

Evangelista também,  
Desarmou o seu pavão  
A cauda, a capota, o bico,  
Diminuiu a armação,  
Escondeu o seu motor  
Em um pequeno caixão.

Depois de sessenta dias  
Alta noite em nevoeiro,  
Evangelista chegou  
No seu pavão tão maneiro  
Desceu no quarto da moça  
A seu modo traçoeiro.

Já era a terceira vez  
Que Evangelista entrava  
No quarto em que a condessa,  
A noite se agasalhava,  
Pela força do amor,  
O rapaz se arriscava.

Com pouco a moça acordou  
Foi logo dizendo assim:  
—Tu tens dito que me amas  
Com um bom querer sem fim  
Se me amas com respeito,  
Te sentas junto de mim.

Evangelista sentiu-se  
Poz-se a conversar com ela  
Trocando riso, esperava  
A resposta da donzela  
Ela poz-lhe a mão na cabeça,  
Untando a banha amarela.

A condessa levantou-se  
Com vontade de gritar,  
O rapaz tocou-lhe o lenço,  
Sentiu ela desmaiar,  
Deixou-a com uma síncope,  
Tratou de se retirar.

Então o Evangelista  
Voando da cumeira,  
Foi esconder seu pavão,  
Nas folhas de uma palmeira  
Disse: Na quarta viagem,  
Levo a condessa estrangeira,

Creuzza então passou, o resto  
Da noite mal socegada,  
Acordou pela manhã  
Meditativa e cismada,  
Se o pai não lhe perguntasse,  
Ela não dizia nada.

Disse o conde: Minha filha  
Parece que estás doente?  
Sofreste algum acesso

Porque teu cilhar não mentê:  
O tal rapaz encantado,  
Te apareceu certamente.

E Creuzza disse: Papai  
Eu cumpri o seu mandado,  
O rapaz apareceu,  
Mas achei-o delicado,  
Passei-lhe a banha amarela,  
E ele saiu marcado.

O conde disse aos soldados  
Que a cidade patrulhassem,  
Tomassem o chapéu dos homens  
Que nas ruas encontrassem,  
Um de cabelo amarelo,  
Ou rico ou pobre pegassem.

Evangelista vestiu-se  
Com roupa de um alugado,  
Encontrou com a patrulha  
O seu chapéu foi tirado,  
Viram o cabelo amarelo  
Gritaram: Esteja intimado.

Os soldados lhe disseram:  
—Cidadão não estremeça,  
Está preso á ordem do conde  
E' melhor que não se cresça,  
Vai a presença do grande  
Se é homem não esmoreça.

Você hoje vai provar  
Por sua vida responde  
Como é que tem falado  
Com a filha do nosso conde  
Quando ele lhe procura,  
Onde é que você se esconde?

Respondeu Evangelista:  
—Tambem me faça um favor,  
Enquanto eu vou me vestir,  
Minha roupa superior  
Na classe de homem rico  
Ninguém pisa meu valor.



As quatro da madrugada  
Evangelista desceu,  
Creusa estava acordada  
Nunca mais adormeceu,  
A moça estava chorando,  
O rapaz lhe apareceu.

O jovem cumprimentou-a  
Deu-lhe um aperto de mão,  
A condessa ajoelhou-se  
Para pedir-lhe proteção,  
Disse: Foi meu pai que mandou  
Eu fazer-te uma traição.

O rapaz disse: Menina  
A mim não fizeste mal,  
Toda moça é inocente,  
Tem seu papel virginal,  
Cerimônia de donzela  
É uma coisa natural.

Todo meu sonho dourado  
É fazer-te minha senhora,  
Se queres casar comigo  
Te arruma e vamos embora,  
Se não o dia amanhece  
E se perde a nossa hora.

— Se o senhor é homem sério  
E comigo quer casar,  
Pois tome conta de mim,  
Aqui não quero ficar,  
Se eu falar em casamento,  
Meu pai manda me matar.

Que importa que ele mande  
Tropas e navios pelos mares,  
Minha viagem é aérea,  
Meu cavalo anda nos ares,  
Nós vamos sair daqui,  
Casar em outro lugares.

Creusa estava empacotando,  
O vestido mais elegante;  
O conde entrou no seu quarto,

Dando um berro vibrante,  
Gritando: Filha maldita,  
Vais morrer com teu amante

O conde rangiu os dentes,  
Avançou com passo extenso  
Deu um pontapé na filha  
Dizendo: Eu sou quem venço.  
Logo no nariz do conde,  
O rapaz passou o lenço,

Ouviu-se o baque do conde,  
Porque rolou deitado,  
A última cena do lenço,  
Deixou-o magnetizado,  
Disse o moço: Tem dez minutos  
Para saíres do sobrado.

Creusa disse: Estou pronta  
Já podemos ir embora  
E subiram pela corda  
Até que saíram fora,  
Se aproximando a alvorada,  
Pela cortina da aurora.

Com pouco o conde acordou:  
Viu a corda pendurada,  
Na cobertura do sobrado,  
Distinguiu uma zozada  
E as lampadas do aparelho,  
Mostrando luz variada.

E a gaita do pavão  
Tocando em rouca voz  
O monstro de olhos de fogo  
Projetando seus faróis  
O conde mandando praga,  
Disse: A moça é contra nós.

Os soldados da patrulha  
Estavam de prontidão,  
Disseram: Vem ver fulano  
Que vai passando o pavão  
O monstro fez uma curva  
Para tomar direção.

Então dizia um soldado;  
—O orgulho é uma ilusão,  
Um pai governa uma filha  
Mas não manda o coração,  
Agora a condessinha,  
Vai fugindo no pavão,

O conde olhou para a corda  
E o buraco do telhado,  
Como tinha sido vencido  
Pelo rapaz atilado,  
Adoeceu só de raiva,  
Morreu por não ser vingado.

Logo que Evangelista,  
Foi chegando na Turquia,  
Com a condessa da Grecia  
Bidalga da monarquia,  
Em casa de João Batista,  
Casaram no mesmo dia.

Em casa de João Batista  
Deu-se grande ajuntamento  
Dando vivas aos noivados,  
Parabens ao casamento,  
A' noite teve retreta,  
Com visita e cumprimento,

Enquanto Evangelista  
Gosava imensa alegria,  
Chegava um telegrama  
Da Grecia para a Turquia  
Chamando a condessa Creuza,  
Pelo motivo que havia.

Dizia o telegrama:  
—Creuza vem com teu marido,  
Receber a tua herança  
O conde é falecido,  
Tua mãe deseja ver  
O genro desconhecido,

A condessa estava lendo  
Com o telegrama na mão,  
Entregou a Evangelista  
Que mostrou a seu irmão,  
Dizendo: Vamos voltar,  
Por uma justa razão.

De manhã, quando os noivos  
Acubaram de almoçar,  
E Creuza em traje de noiva  
Pronta para viajar,  
De palma véo e capela,  
Pois só vinheram casar.

Diziam os convidados:  
—A condessa é tão mocinha,  
Mas vestida como noiva  
Torna-se mais bonitinha,  
Está com buquê de flôr  
Sêria como uma rainha.

Os noivos tomaram assento  
No pavão de alumínio,  
E o monstro levantou-se,  
Foi ficando pequenino  
Continuou o seu vôo,  
No rumo de seu destino.

Na cidade de Atenas  
Estava a população,  
Esperando pela volta  
Do aereoplano pavão,  
O cavalo do espaço,  
Que imita o avião.

Na tarde do mesmo dia  
Que o pavão foi chegando,  
Em casa de Edmundo  
Ficou o noivo hospedado,  
Seu amigo de confiança  
Que foi bem recompensado.

E também a mãe de Creuza  
 Já esperava vexada,  
 Muito bem acompanhada,  
 A filha mais tarde entrou  
 De braco com o seu noivo,  
 Disse: "Mãe estou casada."

Disse a velha: Minha filha,  
 Saiste do cativoiro  
 Fizeste bem em fugir,  
 E casar no estrangeiro,  
 Tomem conta da herança  
 Meu genro é meu herdeiro.

F I M

## VALOR DA

## HONESTIDADE

Leitores vou descrever  
 Com toda sinceridade,  
 Um romance bem escrito  
 Nas colunas da verdade,  
 Mostrando como é distinto,  
 O valor da honestidade.

Em França havia um casal  
 Que tinha religião,  
 Recomendava-se sempre,  
 A virgem da Conceição,  
 Guardavam os santos preceitos,  
 Do autor da criação.

Este casal era pobre  
 Tinha tres filhas somente,  
 E se retirou de França,  
 Para um paiz diferente,  
 Porém fazendo tranquilo,  
 O seu viver de inocente.

Passaram-se alguns anos  
 O velho José da Cruz  
 Disse a mulher Mariana  
 Faça uma prece á Jesus  
 Vamos a uma pescaria  
 Para ver o que nos produz.

Deixaram as tres filhinhas  
 Todas bem recomendadas  
 Vocês fiquem esperando  
 Todas bem acauteladas  
 E seguiu com Mariana  
 Ao surgir da madrugada

Botaram a balsa n'agua  
 Logo ao manhecer do dia  
 Porém chegou de repente  
 Uma forte ventania  
 Levando a balsa com elas  
 As ondas do mar bravía.

Mariana quando viu-se  
Neste aflita ocasião  
Fitando os olhos ao céu  
Proseguiu uma oração  
Dirigindo estas preces  
A Virgem da Conceição.

Mãe pura da honestidade  
Maria Pia e Sagrada,  
Defendei as minhas filhas  
Da terrível iniquidade  
Comigo e José da Cruz  
Fazei a vossa vontade.

Dita estas palavras  
Contrita com sua sorte  
Disse a José da Cruz  
Não encaremos a morte  
Conhecemos bom guerreiro  
Quando a luta é muito forte.

Seguiu a balsa com eles  
Nas ondas sem direção  
Porém Jesus protege  
A quem tem bom coração  
Permitiu que ambos chegassem  
N'uma ilha do Japão.

Agora caros leitores  
Vou cantar em poesia  
Como ficaram as mocinhas  
Depois que findou-se o dia  
Sem saberem o resultado  
Dos seus paes na pescaria.

No outro dia bem cedo  
Foram ao dito lugar,  
Mas noticias dos seus pais  
Não conseguiram encontrar,  
Então aves agouzeiras  
Não cessavam de cantar.

Agora vou declarar,  
Os nomes das mocinhas,  
Que ficaram a blasfemar

Da sua sorte mesquinha  
Naquela terra de estranhos,  
Como viviam sosinhas.

A mais velha era Estefania  
A segunda Ninia da Cruz,  
Analia era a mais moça.  
Todas pediam a Jesus.  
Que naquele ostracismo,  
Mostrasse um raio de luz.

Voltaram as tres humildes  
A sua pobre Choupana,  
Fazendo com ver  
Toda natureza humana,  
Que ouvisse a exclamação.  
Naquela hora tirana .

Disse Estefania as irmãs  
Ficamos na orfandade  
Não temos pai e nem mãe  
Que pouca felicidade,  
A Deus pertence o futuro,  
Seja feita a sua vontade.

Pensavam pedir esmolas  
Temiam que ninguém desse  
Fitaram umas as outras  
Sem saber o que fizessem,  
Quando a desgraça penetra,  
O pescador obedece.

Ninia da cruz disse as outras,  
Temendo o golpe da morte;  
Uma de nós perde a honra  
Pois é essa a nossa sorte,  
Para conseguir o pão,  
Com que as outras conforte.

Começaram a consultar  
Qual das tres segue na frente,  
Sem encontrarem tirocinio  
Ficaram impaciente,  
Porque todas bem presavam,  
A vida de inocente.

Estefania era a mais velha  
 Fez logo um plano acertado,  
 Vamos fazer tres bilhetes  
 Dois brancos e um sortendo,  
 Será de nós a perdida,  
 Quem tirar o premlado.

Fizeram os bilhetinhos  
 Embrulharam todos tres  
 Cada uma tirou um,  
 Abrindo por sua vez  
 Analia foi sorteada,  
 A mais bonita das tres.

Analia empalideceu,  
 E quasi deu um passamento  
 Porém disse as irmãs  
 Com grande constrangimento,  
 Sendo por Deus tudo isso,  
 Vou começar o meu tormento.

Disse as irmãs, vocês fiquem  
 Que eu vou aquela cidade,  
 Para ver se lá, encontro  
 A nossa felicidade,  
 A Deus pertence o futuro,  
 Ao cão da fatalidade.

Adiante encontrou um homem  
 Que da cidade já vinha  
 A quem pediu uma esmola,  
 Pois era o animo que tinha,  
 Este deu-lhe dois vintens,  
 Quanto que lhe convinha.

Depois encontrou um padre  
 Fez-lhe um pedido tambem,  
 Que celebrasse uma missa  
 Por aqueles dois vintens  
 E oferecesse as almas  
 Sem exceptuar ninguém.

O padre quiz lhe falar  
 Por ser pequena a quantia  
 Mas pensou ao mesmo tempo

Ser uma esmola que fazia  
 Como fosse ainda cedo  
 Celebrou no mesmo dia.

Seguiu a pobre mocinha  
 Conforme se destinou,  
 Adiante encontrou um velho,  
 A quem fitou com pavor  
 E lhe pediu uma esmola,  
 Em nome do creador.

O velho lhe respondeu  
 Eu não tenho nada aqui,  
 A minha casa de morada  
 E' em outra rua ali,  
 Mas vou lhe dar um cartão,  
 Que póde até lhe servir.

Tirou do bolso um cartão  
 E com sua mão escreveu,  
 Disse a moça você vá  
 Na loja de um filho meu,  
 Entregue este cartão;  
 E espere o destino seu.

Ensinou então o nome  
 Da rua onde morava,  
 Tambem o numero da casa  
 Que o filho negociava,  
 Seguiu Analia o destino,  
 Nada mais ignorava.

Chegou na loja do moço  
 Mais ou menos conheceu,  
 Entregou o cartõesinho  
 Ele prontamente leu,  
 Mais ela ficou notando,  
 Que o moço estremeceu.

No cartão vinha dizendo:  
 Filho do meu coração,  
 Leia estas duas linhas  
 Com moderada atenção,  
 Dai de esmola a esta moça  
 O peso deste cartão.

Conheceu profundamente,  
Ser a letra do seu pai,  
E disse logo consigo  
Esta esmola em que recai,  
Quem recebe um cartão desse,  
Do pensamento não sai.

Olhou para a moça e disse  
Faz favor chegar aqui,  
Ver se a senhora conhece  
Nestes retratos ali,  
Qual deles que escreveu,  
Este cartão que eu li.

A moça entristeceu  
Em ir cumprir o chamado,  
E disse logo consigo,  
É triste o meu resultado,  
Talvez seja este moço,  
A origem do meu pecado.

Quando viu as fotografias  
Conheceu logo o retrato,  
Apontou gesticulando  
Com um repente imediato  
O senhor que encontrei,  
Tem esse sinal exato.

O moço cada vez mais  
Demonstrou-se espavorido,  
Por ser equivo para ele  
Um caso desconhecido,  
Pois fazia cinco anos,  
Que seu pai tinha morrido.

Fez um cálculo aproximado  
Que seu pai não se salvou,  
E dando aquela esmola  
Amenizava a sua dor  
Disse consigo: darei,  
Seja que quantia for.

E imediatamente  
Pois o cartão na balança,  
Pensando no sofrimento

Se é por isso ele descansa,  
Seu pensamento era fraco  
Como se fosse criança.

Puxou logo na carteira  
Muito cheia de dinheiro,  
Começou a escolher  
As notas grandes primeiro,  
Porque dando a esmola grande,  
Era este o verdadeiro.

Notas de cem e duzentos,  
Botou logo uma porção,  
Finalmente botou tudo  
Quanto trazia na mão,  
E verificou que o dinheiro,  
Não competia ao cartão.

Voltou ainda á balança  
E tirou o cartão fora,  
E viu ser tão levesinho  
Disse fôo pobre agora,  
Mais boto tudo que tenho  
Ainda que fique de esmola.

Sacou tudo da gaveta,  
Embôra a pobreza dobre;  
Tirou tudo quanto tinha  
Nikel, prata, ouro e cobre.  
Dizendo acho impossível,  
Que este agora não sobre.

Começou botando pouco  
Mas teve que botar tudo,  
Achou difícil o estudo,  
Mandou chamar os amigos  
E revelou o conteúdo.

Procurou os cientistas  
Que havia no Estado,  
Para resolver o caso,  
Tomou dinheiro emprestado,  
Com isso assim mesmo  
Não havia resultado.

Ficando desenganado  
 Nada mais tinha a fazer,  
 Pois nada daquela ciência  
 Podia compreender,  
 Um empregado da casa  
 Foi quem deu um parecer.

Disse-lhe esse dinheiro  
 Deixe o cartão somente,  
 E nesta outra balança  
 O senhor mesmo se sente  
 Quando o moço sentou-se,  
 Deu o peso fielmente.

Agora fique ciente  
 Que esta moça é muito bela,  
 Puncta pode ter sido  
 A honestidade dela  
 A esmola que ele ordenou  
 E o senhor casar com ela.

O moço surpreendido,  
 Cheio de contentamento,  
 Logo providenciou

Os papéis do casamento  
 Admirado por todos  
 Aquele acontecimento.

Anália mandou buscar  
 As suas irmãs queridas,  
 E contou alegremente,  
 O passo da sua vida,  
 Feliz de quem Deus quer bem,  
 E triste das almas perdidas.

José da Cruz e Mariana  
 Que saíram do Japão,  
 Só com tres annos poderam  
 Pagar uma embarcação,  
 Chegaram encontraram as filhas,  
 Nesta feliz união.

Quem achar bom este verso  
 Queira ler segunda vez  
 Também queira perdoar  
 Os erros de portuguez  
 Quem quizer casar-bem,  
 Faça o que Anália fez. T. IV